



**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER
LICENCIATURA EM NORMAL SUPERIOR**

MONIELE SOUSA PAIXÃO

MONOGRAFIA: UM SONHO REAL

Rio de Janeiro
2022

MONIELE SOUSA PAIXÃO

MONOGRAFIA: UM SONHO REAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientadora: Clara Araújo

Rio de Janeiro

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P149m Paixão, Moniele Sousa

Monografia: um sonho real / Moniele Sousa Paixão.– Rio de Janeiro: ISEPS, 2022.–
41 fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2022. Requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador: Professora Clara Araujo

1. Educação infantil. 2. Formação de Professores. 3. Memória de Formação. 4. Brincar. I. Título. II. Orientadores. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial somente para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, de de 2022.

MONIELE SOUSA PAIXÃO

MONIELE SOUSA PAIXÃO

MONOGRAFIA: UM SONHO REAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a o Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Normal Superior, com Habilitação em Magistério da Educação Infantil.

ORIENTADOR

Professora Clara Araujo

LEITOR

PROFESSORA(a)

Rio de Janeiro

2022

Dedico essa minha monografia principalmente à minha família, especialmente à minha mãe, Ana Luzia, e ao meu marido, Marcos Paixão, que de perto acompanharam todo meu processo nesse percurso, me dando força e encorajamento para enfrentar desafios e continuar de cabeça erguida sem desistir do meu sonho.

Ainda dedico a cada membro familiar e também amigos que torceram para que tudo desse certo.

Dedicar essa monografia à minha querida mãe, Ana, significa muito, pois é mais um sonho sendo realizado e isso demonstra, acima de tudo, que todo esforço feito por ela desde minha infância, comigo e com meus irmãos, valeram à pena, nada foi em vão.

Pretendo assim, como filha, dedicar cada conquista e cada vitória realizada a ela, pois sem ela nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Eu sou extremamente grata por tudo e por cada acontecimento que vivenciei.

Então, gostaria de deixar claro meu agradecimento supremo ao meu Deus, que me fez sonhar e realizar esse sonho. Sem Ele nada disso seria possível. Agradeço por Ele não ter me abandonado e sim cuidado de mim em cada mínimo detalhe de minha vida.

Me sinto agradecida também pelo caminho que percorri e também por todo processo que enfrentei, seja ele árduo ou tranquilo, pois ambos me fizeram crescer.

Agradeço ao meu esposo Marcos, por lutar nessa batalha comigo e fazer parte de toda correria, além de se apresentar como um ótimo parceiro em toda trajetória da faculdade, me ajudando, chamando minha atenção quando necessário e ainda me dando todo apoio que precisei a todo momento. Agradeço por ser meu amigo e por estar aqui sempre que necessário. Você foi meu maior apoio.

Agradeço também a minha mãe, por tamanho cuidado e também por ser minha melhor amiga em todas as etapas de minha vida.

Gostaria de agradecer também, com todo carinho e respeito, a todos os professores do Pró-Saber que fizeram parte da turma de 2019. Desde o começo, senti o apoio de cada um, nos fortalecendo e ensinando, construindo junto conosco o caminho que percorremos até aqui.

Cada professor em suas especificidade somou para o crescimento da pessoa e profissional que sou hoje.

Então me sinto grata e agradeço ainda pelos mergulhos que através deles consigo fazer em mim, pelas descobertas e também por cada palavra dita.

Alguns professores, com falas mais tranquilas e outros, com o convite à mudança, porém o grupo compõe o todo e todos sem dúvidas nos fizeram a turma de 2019

Agradeço imensamente a Eucimar, coordenadora pedagógica da creche onde trabalho, por me apresentar ao espaço do Pró-Saber, por me auxiliar também nesse caminho, e nunca desistir de me dar todo apoio e ajuda que precisei. Me sinto grata por tamanho apoio, empatia e companheirismo.

Agradeço de coração a toda equipe de uma forma especial e carinhosa.

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso as palavras para compor os meus silêncios
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito às que vivem de barriga no
chão
tipo água, pedra e sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
Como as boas moscas.
Queria que minha voz tivesse um formato de
canto.
Porque eu não sou na informática:
eu sou da invencionária.
Só uso palavras para compor os meus silêncios.
(BARROS, 2003)

RESUMO

O meu principal objetivo nesta monografia é demonstrar como me transformei de forma pessoal e profissional desde que ingressei. Apresento o conhecimento construído, que coloquei em prática, tendo em vista que é um curso cujos educandos são professores de Educação Infantil em serviço, o que fez reacender a chama da educação que estava dentro de mim.. Essa chama me convida ao exercício do olhar cuidadoso em relação a tudo que vivo no meu trabalho. Destaco o que aprendi sobre o brincar que me fez valorizá-lo. A minha escrita é resultado do mergulho em mim e do exercício do registro. Desde o meu ingresso no Curso Normal Superior de Educação no Pró-Saber, busco garantir que a Concepção Democrática de Educação me acompanhe todos os dias.

Palavras-Chave: Educação. Memória. Vida. Mudança. Brincar.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 COMO CHEGUEI NO PRÓ-SABER	17
2 DE DENTRO PARA FORA	25
2.1 Aulas remotas	30
2.2 Volta ao presenciais	33
3 É BRINCANDO QUE SE APRENDE	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

Eu posso iniciar minha história na área da educação infantil como um sonho, talvez predestinado por Deus a mim. Desde pequena, já brincava de escolinha com meus irmãos e primos, porém, quando fui crescendo, logo vi que esse sonho foi aos poucos diminuindo. Eu nunca fui a melhor aluna da turma, desisti do ensino médio e então resolvi trabalhar.

Fui percebendo a construção dessas memórias aos poucos e me vi no texto de Madalena Freire (2008, p. 43), onde está escrito que “só aprendemos a partir do que sabemos de nossa experiência, do que faz sentido, do que tem significado dentro da nossa própria história”. E então iniciei minha própria escavação de memória, onde fui me resgatando e me tornando a conhecer por diversas vezes.

Nesse percurso de tempo, me casei pela primeira vez e fui morar em Três Rios, RJ, e, através de conhecidos lá tive contato pela primeira vez com o Instituto de Educação Professor Joel Monnerat, onde fiz por 3 anos o curso normal.

Quando iniciei o Curso, pude continuar o processo de escavar dentro de mim: onde me encaixo, o que devo fazer, será que isso é para mim? Essas foram questões que logo invadiram minha mente. Bosi (2012, p. 198) relata esse processo ao falar que: “O vínculo com o passado, que é vital, porque dele se extrai a seiva para a formação da identidade”. Esses pensamentos tomam espaços entre o passado já vivido, que não pode ser perdido, e o presente existente que estava surgindo à minha frente.

No primeiro momento, tive um baque, pois, além das matérias do ensino médio tive que dar conta de dez matérias pedagógicas para me formar professora: uma loucura total. Ouvei muito falar sobre educação infantil e aos poucos fui conhecendo mais sobre crianças e me apaixonando por tanta beleza e cuidado que envolve o ato de ensinar. Fui educando meu olhar e fui cada vez sendo mais convidada a esse ato de olhar com olhos de quem realmente quer ver. Naquele momento, eu não sabia que meu olhar já estava sendo educado, mas hoje com a tomada de conhecimento, percebo como Madalena (2008) tem razão ao dizer que “não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos”. (FREIRE, 2008, p. 45). Dessa forma, entendo que ali precisei mais uma vez mergulhar em memórias pessoais minhas e construir e desconstruir tudo o que já

havia me acontecido. Eu estaria então na época atravessando um caminho de mudanças nunca antes já vivido. Atualmente, com todo aprendizado adquirido por mim no Pró-Saber, eu percebo o quanto cada processo e cada pequena fase foi importante.

E então o amor bateu em mim de forma avassaladora. Quando fiz meus primeiros estágios, logo que vi as crianças e toda a inocência que as envolviam, foi quase que impossível não saber o motivo pelo qual quis me tornar professora.

Cada olhar e cada momento foi tornando-se algo único e maravilhoso e eu sem dúvidas me vi inserida, envolvida e tudo aquilo já fazia parte de mim, mesmo sem entender. Foi um processo contínuo e maravilhoso, e realmente percebi que é, pois consegui resgatar em mim sentimentos que estavam guardados, trazendo-os à vida ao me libertar ao perceber o quão prazeroso, magnífico é este mundo infantil.

Desde então, não consigo me imaginar sem estar presente com as crianças ou sem estar fazendo parte desse mundo tão único e gratificante que é o ato de ensinar. Friso, portanto, que o que me motivou a trabalhar na educação infantil foi nada mais nada menos que a inocência que cada criança carrega consigo em seu olhar, modo de agir e principalmente sorriso e alegria.

Por motivos particulares, voltei para o Rio de Janeiro e já tinha me formado, já estava cheia de teoria, porém a prática me faltava. Então, nesse processo de retorno, fui então entendendo o que diz Bosi (2012):

O passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. Então, a memória deixa de ter aqui um caráter de restauração do passado e passa a ser a memória geradora do futuro: memória social, memória histórica e coletiva. (BOSI, 2012, p.192).

Nessa volta ao Rio, muitas coisas passaram a acontecer e eu, que precisava pagar contas e ajudar minha mãe em casa, fui trabalhar como garçomete em um restaurante. Ingressei em uma faculdade de pedagogia e precisava trabalhar para pagar a universidade, que tanto sonhei, para aprimorar ainda mais minha profissão.

Apesar de ter frequentado três faculdades, tudo parecia tão mecânico, que me dava até medo de não conseguir prosseguir com meu sonho. Eu tinha vindo de um ensino totalmente voltado para o amor e respeito e me vi na sala com cerca de 60 pessoas. Me senti perdida.

Um dia, recebi uma ligação no meu trabalho. Era de uma creche na favela onde moro, me convidando para uma entrevista. Eu já havia deixado esse currículo

há tanto tempo atrás, que nem me lembrava mais. Mas Deus certa vez me prometeu que eu iria vivenciar os meus sonhos e tinha chegado a hora dele cumprir mais uma de suas promessas.

A pergunta que tinha em uma das questões para trabalhar na creche era: O que é educação infantil para você?

E então percebi que estava no lugar certo. Comecei a trabalhar e o choque de realidade veio. As crianças são crianças e eu deveria me doar ao máximo para que tudo corresse bem e desse certo, contudo que a criança pudesse ficar bem em primeiro lugar.

Trabalho na Escola Comunitária do Cantagalo há 4 anos e foi a minha coordenadora pedagógica que me apresentou o Pró-Saber. Ela já havia feito alguns cursos na instituição e por isso me incentivou a me candidatar ao vestibular. Eucimar acreditava no meu potencial e afirmava para mim que tinha planos futuros na creche. Apesar de ser um grande desafio, me propus a encarar o processo seletivo. Sem conhecer nada sobre o Pró-Saber, eu fui com cara e coragem e fiz minha inscrição. Nervosa, sem saber o que deveria estudar para o vestibular. Eu estudei de tudo um pouco e já sabia, através dela, que a metodologia era baseada na teoria de Paulo Freire e Madalena Freire.

Um pouco antes da prova, faxinando a minha casa, eu caí da escada e quebrei o pé. Foi um sofrimento, pois as dores e os remédios me faziam ficar mais de cama do que estudar e então pensei que estaria tudo acabado.

Mas no dia da seleção, com todo apoio do meu marido Marcos, eu fui até lá; quis colocar um tênis para ficar apresentável e deixei as muletas em casa: queria mostrar que eu era capaz. Chegando lá, a prova seria no segundo andar e lá fui eu subir escada com o pé todo enfaixado e de tênis. A dor era insuportável, porém isso não ficou em evidência para mim naquele momento.

Se me recordo bem, chamei a Professora Clara Araújo, que até então era desconhecida, e comuniquei que precisaria tirar o tênis para conseguir fazer a prova e ela me atendeu da melhor forma, com carinho e respeito.

Fiz a prova e fui para casa na esperança de ser classificada para a entrevista em posse de uma escrita de nossa trajetória como educador e educando.

Um processo e tanto para conseguir enfim entrar no curso. Minhas entrevistadoras foram Claudia Sabino e Clara. Foi um momento de nervosismo puro, mas que deu super certo.

O dia em que vi o meu nome na lista de aprovados do Pró-Saber foi sublime, pois achei que não teria essa competência. Mas, como já falei acima, eu estava determinada a dar esse passo na minha vida.

Quando me vi incluída nesse mundo do Pró-Saber, eu me encantei com cada detalhe e com tudo que me estava sendo apresentado. O cansaço do trajeto para a faculdade mais as tarefas que deviam ser realizadas não me desmotivaram a ponto de reconhecer que eu tinha encontrado o lugar certo. Como já havia escutado e pesquisado muito sobre o Pró-Saber, eu esperava de fato que fosse uma experiência diferente do que qualquer faculdade que antes já estive. Esperava que fosse um lugar que me tocasse, que me desequilibrasse a tal ponto que me desafiasse a buscar ser melhor. Que despertasse em mim a confiança e o desejo de ser tocado e de tocar o outro, e assim foi.

Sabia que o Pró-Saber havia sido criado com o propósito de formar profissionais da educação capazes de se reconhecerem e amarem a si mesmos e ao próximo e também sua profissão. Esperava de verdade que a minha expectativa fosse real e que, em meio desse mundo tão caótico, eu pudesse encontrar esse lugar no Rio, que fizesse o nosso dia valer a pena, que convidasse o nosso cansaço a ir embora por um instante e que, principalmente, despertasse o melhor que há em mim.

E então eu encontrei, me encontrei.

Com essa monografia, exponho a minha trajetória no Pró-Saber. Dias de muito enfrentamento e muito aprendizado. Encontrei nesta instituição um modo diferente de aprender e de ensinar. Uma concepção que mudou a minha visão sobre a educação. Nesse momento, me recordo então das aulas de Cristina Porto, em que o processo de rever a memória de nós mesmos veio como acompanhante diário, onde pude ir escavando cada experiência vivida por mim.

O novo sempre assusta e nos causa medo, porém o novo também faz nos desafiamos mais, confiar mais e acreditar mais. Entretanto, também tive que aprender a conviver com o tempo, antes perceptivo por mim, mas nunca tão perto e observado com tal frequência. Tempo esse que passou voando e lembrei de quando

inicie no Curso; logo o que era novo tornou-se paixão, admiração, respeito e acima de tudo amor e dedicação. Tempo esse que como Madalena (2008) mesmo falou em sua aula "precisa ser criado por nós".

Sabe o tempo? Pois é, esse mesmo tempo que me custou lágrimas, sorrisos e muita novidade em minha prática, também me mudou como ser humano.

Ao realizarmos também em aula a pesquisa para a elaboração desta monografia, pensei que precisaria buscar experiências e momentos significativos do passado para compor o meu pensamento presente. Entendi que esse processo de escrita precisava ser por inteiro, não somente revendo os momentos bons, de alegria, mas também os momentos de dúvidas, medos e anseios. E, para falar de minha pessoa, ainda posso incluir raiva, pensamentos de desistências e cansaço. De fato, eu entendo que foi todo o processo que me criou, me refez e me refaz a cada dia. A constante mudança tornou-se necessária para formar a Moniele que sou como aluna do Pró-Saber e ainda a professora que sou na creche onde atuo.

Nas páginas seguintes, contarei como foi esse caminho intenso percorrido e potencializado pela pandemia. Foram encontros de muito estudo, muita entrega e muita readaptação à realidade que estávamos acostumados a viver. Foram encontros ainda de resgate de mim mesma, do encontro com meu próprio eu e de mudança de prática diária.

História essa que foi se moldando como um antes, um durante e um depois.

A desconstrução do que eu era para o novo que me tornei.

Essa monografia está desenvolvida em 3 capítulos, Considerações finais e referências.

O capítulo 1 apresenta a minha história antes de Iniciar no Pró-Saber e em como toda essa metodologia foi apresentada, e recebida por mim nesse processo.

O capítulo 2 traz como se deu toda essa mudança interna e externa após iniciar as trocas com meus professores e colegas de turma.

O capítulo 3 faz reflexão sobre o brincar, tema esse que me flexou de diversas formas e ocasionou grandes mudanças.

Nas considerações finais o encantamento por toda trajetória durante 3 anos se torna notório, assim como perspectivas lindas para o futuro.

1 COMO CHEGUEI NO PRÓ-SABER

Cheguei com sede de aprender, mas ainda desconfiando do mundo que encontrei aqui. Era um lugar que não parecia real e isso me deixou muitas vezes silenciosa, pensativa. Aquilo era possível de se viver? De início, achei que fosse algo bem difícil de enfrentar e realizar. A metodologia apresentada serviria para minha prática? Como colocar tudo aquilo que me era apresentado no meu cotidiano? Eram perguntas que eu me fazia a cada aula, a cada conteúdo novo apresentado.

Eu me considerava uma boa profissional, mas hoje percebo que a concepção autoritária estava internalizada em mim. Demorei a entender a possibilidade da troca com o outro. Eu que guardava meus pensamentos e opiniões somente para mim, me vi em um contexto completamente diferente de tudo o que me foi apresentado. A minha vida toda vivi a concepção autoritária, em que o meu falar não era ouvido. No Pró-Saber, me deparei com a valorização da minha fala, num espaço onde todos teriam paciência e principalmente queriam me ouvir. Com isso me vi travada algumas vezes, não entendia ainda a necessidade de falar, de me expor. Não entendia muito bem também essa troca que eu teria com outro e no que essa troca mudaria minha forma de me relacionar comigo mesma e com o outro.

Porém, mudei completamente minha forma de pensar e agir a cada aula. A cada encontro, a fala dos professores me fazia perceber o sentido de cada conteúdo apresentado.

O bloqueio que surgiu em seguida foi de não saber ainda como colocar tudo em prática. Me perguntei se seria capaz, se conseguiria ser uma profissional ímpar, como o que estava me sendo apresentado e, conseqüentemente, como eu estava começando a desejar. Quando todo o meu ser foi tomado por novos conhecimentos, eu pude então ver no grupo a construção que necessito que nasça em mim.

Percebi que com o outro eu me faço e refaço, me construo e reconstruo e, dessa forma, percebi ainda que o outro diz muito sobre mim, que, sem esse

encontro com o outro, eu não seria eu, pois nós somos a construção que se dá com o outro em todos os âmbitos que nos atravessam. Então, aos poucos, fui me desconstruindo e fui me encontrando com um novo eu.

Eu fui apresentada aos instrumentos metodológicos propostos por Madalena Freire para garantir a prática de uma educação democrática. Fui sacudida em cada leitura sobre esse conteúdo. Todos os textos sobre os instrumentos metodológicos mexem comigo de uma forma diferenciada. Porém, citarei alguns trechos que permearam e permeiam de fato todo meu aprendizado. Fiz descobertas e mudei a minha forma de pensar, agir e falar.

Destaco aqui a seguinte fala de Madalena Freire (2014): " O educador no seu ensinar é movido pelo desejo" . Essa frase me impacta, porque acredito que o educador precisa de algo para se mover, algo para buscar, algo para acreditar. E é esse algo, essa falta, que faz com que o educador não permaneça no seu mesmo espaço, que busque coisas novas, que se fortaleça e se inove a cada dia.

Penso que os instrumentos metodológicos fazem toda diferença. Antes, por não conhecer os instrumentos, sempre pensei que a observação seria algo desnecessário, até que, em prática, precisei desse olhar que percebe o processo. Com a observação, pude então rever minhas anotações e não me senti perdida e percebi que tenho voz para trazer uma hipóteses de um momento vivido no ambiente onde trabalho.

No contexto, por ordem dos instrumentos metodológicos têm a observação. "A observação demanda/envolve a atenção, a escuta na reflexão de quem admira contempla a realidade". (FREIRE, 2014).

Como citei acima, nunca pensei que o ato de observar seria tão importante até de fato passar a observar na prática no Pró-Saber. Percebi também que com o ato de observar, eu consigo olhar o meu aprender, o aprender do outro e ainda o ensinar do professor presente. Engraçado que o nosso observar torna tudo mais claro. Eu consigo ver de uma forma geral tudo aquilo que me atravessou na aula. Além disso, observar nos traz um conceito de olhar realmente com olhos de quem quer vê, quer ver o outro nos mínimos detalhes, quer ver a turma e seu desenvolvimento e ainda como o professor, que constrói a aula junto conosco, se dá nesse processo. O ato de observar de fato nos leva a refletir também sobre quem somos nós, o que queremos e ainda modificar o nosso processo de aprendizado.

Mas com o observar temos também a escuta, que nos leva ao lugar de escutar com ouvidos de quem realmente quer ouvir. Ambos nos trazem a esse momento presente, do agora, do estar ali não somente de corpo, mas por inteiro.

Quando falo também do registro reflexivo penso que foi a minha maior guerra. Como assim escrever o que ocorreu, o que me flechou, o que pensei e fazer isso em toda aula? Mas se sou obrigada a escrever toda aula, mesmo que eu não queira, isso não se torna um ensino autoritário? Onde fica a democracia, quando digo que não quero escrever, mas insistem em dizer que preciso fazer isso? Foram pensamentos que tive no começo do curso, uma guerra entre o que deveria fazer e o que de fato seria suficiente para que eu entendesse que tudo valeria à pena.

Então Madalena (2014) escreve: "O registro reflexivo apura o próprio pensamento, gestando assim uma tomada de consciência e, portanto, um rompimento da alienação cotidiana". (FREIRE, 2014).

Fui entendendo, conforme esse conceito ia me atravessando, que o registro reflexivo seria de fato para toda uma vida. E além de fazer uso desse recurso nas aulas, também passei a utilizar no meu ambiente de trabalho, onde passei a registrar sobre minhas crianças, sobre o dia e sobre como elas haviam respondido ao que eu oferecia, e isso mudou completamente tudo. Pois ao final do dia de serviço, eu podia voltar às minhas anotações e me reinventar como professora, criar novos planos e ainda entender melhor cada criança em suas especificidades.

Isso também inclui o ato de avaliar, pois, nesse caso, eu podia avaliar tudo o que tinha feito, tudo o que tinha ocorrido e planejar novos horizontes. Aí entendi que nossas sínteses faziam também parte desse processo. O professor tinha como base nossa escrita para a construção da aula, assim como eu tinha com minhas crianças. Então a construção de fato se dá entre ambos, educador e educando.

Outra citação de Madalena Freire que gostaria de destacar é a seguinte: "É preciso educar o medo e a coragem para permanecer vivo". (FREIRE, 2014). Quando leio essa frase no texto, fico pensando em como isso é uma verdade absoluta. Como vamos educar o medo e a coragem, se ambos são desconhecidos em nós mesmos?

Engraçado que até então, eu não havia parado para resgatar meus medos, e esse foi um processo vivido no Pró-Saber. Educar esses medos tornou-se algo muito doloroso para mim, pois aprendi que todos os sentimentos me constroem como

pessoa e não fui ao encontro de nenhum deles. A coragem vem quando aprendemos de fato a enfrentar desafios, a se enfrentar e a entender que todo o processo vale a pena e é especial, não somente a chegada à final.

"O processo de conhecimento requer que os sujeitos interajam, socializem o que pensam, o que sabem, para juntos conhecerem o que antes não sabiam". (FREIRE, 2014). Nesse trecho, também de Madalena Freire, penso na avaliação, outro instrumento metodológico. Não entendi de fato porque precisaríamos também avaliar nossa aprendizagem, o grupo e o professor. Confesso que também travei, relutei. Como assim, eu precisaria avaliar a aula, o professor e a turma? Eu, como aluna, teria essa autoridade? E o pior ainda é que eu teria o desafio de ler sobre o que escrevi para todos. Resisti e muito! Eu até conseguia escrever de forma tranquila, pois sempre amei esse ato de escrever e ler, mas escrever e ler para os outros seria outra coisa. Ao ler o que escrevia para a turma, eu teria que lidar com os julgamentos através de olhares e expressões e isso para mim era bem difícil.

Com o passar do tempo, vivendo diariamente essa nova concepção com os meus colegas e com os professores, eu pude de fato entender que a minha palavra era ouro e eu precisava me expressar, porque o que eu estava trazendo para turma era muito importante.

E com isso também entra o planejamento, pois, se tivermos um olhar apurado, uma escuta diferenciada e também uma observação acolhedora, iremos de fato planejar as aulas não para nós e sim para nossas crianças.

Com isso eu entendo que não é somente sobre mim professor, é sobre elas, sobre o que me dizem, o que trazem consigo, sobre o que estão sentindo. E se eu utilizar os instrumentos metodológicos de fato, vou entender que todos compõem um professor-pesquisador, diferenciado, capaz de ter uma chama acesa que não se apaga, mas permanece viva a cada dia, que busca mudanças, que vive mudanças. Que é a própria mudança.

Eu nunca fui uma profissional acomodada, porém também não estava mantendo o amor pela educação vivo, e o choque que temos ao chegar na faculdade e conhecer os professores nos remete exatamente a isso, à chama que deve permanecer acesa, mesmo que as situações se mostrem difíceis.

De início, nós nos desconstruímos de fato, resgatamos nossas infâncias em todos os sentidos e sentimentos, nossas dores, emoções e ainda felicidades. É um

resgate tão profundo, que eu pude então me reconstruir após esse processo. "É preciso educar a dor". (FREIRE, 2014). E essa é uma verdade absoluta, pois a dor faz parte de todo o percurso seja na vida pessoal ou na vida profissional.

Então, me vi perdida ao ter que nadar contra a maré, me deu um nó na garganta e tudo que estava aprendendo ficava em conflito. Hoje sei que dói todo esse processo que vivi. Quem dera saber isso já no primeiro dia de aula, teria sido bem mais fácil.

Percebo então que a cada releitura dos instrumentos metodológicos me remete e traz a esse lugar de resgate, das marcas que todos os professores deixam em seus educandos.

Em contrapartida, os outros professores foram tão legais, tão inteligentes, tão companheiros e humanos que fizeram esse processo se tornar ainda mais especial. O ensino democrático do Pró-Saber fez com que eu também me sentisse humana. As sínteses foram apresentadas, os pontos de observação também foram apresentados e a cada novo conteúdo uma nova versão de mim se construía.

Educação democrática ou autoritária? Quem somos nós e quem são nossas crianças? Que profissional que sou? O que trago de minha infância? Tia sim ou não? Foram esses os temas que de fato fizeram com que a mudança ocorresse em mim e de dentro para fora.

Tivemos também o primeiro contato com Madalena Freire, coordenadora pedagógica do curso, em uma aula de sábado e todos nós estávamos ansiosos. Lembro-me da garra que ela me transmitiu em cada fala, em cada tom de voz e esse momento me encantou e fiquei feliz e grata em conhecê-la. Tudo isso vai muito além de memória, é realização de sonho de vida.

A cada aula era um novo despertar, um convite a fazer de novo e de novo, uma nova chance de fazer diferente. A cada aula eu me reinventava, entendia a minha importância e a importância do outro, a ter um olhar e uma escuta diferenciada. Aprendi que a creche não é minha casa e nem minha família porém que a creche deve ser a extensão da casa de minhas crianças e que ambos precisam caminhar juntos para que a educação de certo.

Aprendi que posso dar afeto, que posso errar e ainda que posso reinventar o meu planejamento diversas vezes se necessário.

Ficar resgatando minhas memórias para escrever em minha monografia é um momento de muita nostalgia. Logo o que me recordo é sobre como cheguei ao Pró-Saber, pois entramos uma pessoa e saímos outra, completamente diferente.

Primeiro que o convite à mudança já se mostra através do ambiente. Ao adentrarmos a porta do Instituto já somos recebidos com um local de paz e tranquilidade. E depois a equipe de professores se apresentou de forma a desejar e despertar o desejo pelo respeito à educação e o amor que eles nos demonstraram a cada dia não nos deixa desistir.

Logo nas primeiras aulas, tive um encontro com os pontos de observação, a chamada e a nutrição estética. Os pontos de observação, na aprendizagem, na dinâmica e na coordenação, instrumentos metodológicos propostos por Madalena para esta formação, provocam o pensamento que deveria percorrer todo o meu percurso na aula. Avaliar meu aprendizado? Avaliar a turma? Avaliar o professor? Por que? Para que? Foram as perguntas que me fiz, e, quando precisava falar sobre a observação da turma, me sentia exposta.

E em relação a mim, quando o ponto de observação da aprendizagem era lançado pelo professor, eu passava a ter um foco e com isso, conseguia identificar o que mais me flechava a cada aula.

Com a observação do grupo, eu pude ir, aos poucos, olhando as pessoas com outros olhos, os mínimos detalhes passaram a me chamar a atenção e entendi por fim que cada componente desse grupo é importante. Avaliar o professor o auxilia no caminho para a preparação das aulas. Eles precisam desse nosso olhar para também poderem se ver.

Quando era para observar os professores, eu, sem dúvidas, travava: Como avaliar alguém que sabe tanto? O que eu teria para, de certa forma, observá-lo assim? E meu aprendizado, porque observar? Tudo faz parte do nosso próprio processo de aprendizado, e tudo também permeia o grupo no qual estamos inseridos.

Também fui apresentada a nutrição estética oferecida muitas vezes como um convite. Como diz Ana Genescá (2013): "A exposição da obra de arte constitui também uma abertura na possibilidade de ver, pois ela mexe com a sensibilidade, educando-a no sentido de ver diferente, de permitir uma abertura por vias não necessariamente racionais".

Tínhamos então diversos tipos de nutrição estética: músicas, vídeos, obras de artes, fotografias, entre outras. O convite estava feito e ao olhar, ao ver, ao perceber cada uma, embelezava aula e o conteúdo. Quando escolhemos alguma imagem, por exemplo, durante a aula, ela nos remete a muitos acontecimentos e então lembrei de quando iniciei o curso, que logo o que era novo tornou-se paixão, admiração, respeito e acima de tudo amor e dedicação.

Entendo então que o ato de documentar e registrar sempre será algo bom a ser acrescentado a minha vida, pois, ao buscar pensamentos perdidos, posso encontrá-los nas palavras.

Em relação a essa presença da arte no curso, devo destacar a Disciplina de Alfabetização Cultural, que nos acompanhou durante os três anos, foi como um belo presente dado a todos nós, inclusive a mim. Quando li pela primeira vez o título, fiquei pensativa, mas logo fui entendendo que eu seria ensinada a observar e a viver um mundo de culturas. Melissa Lamego, a professora, foi nos trazendo um mundo completamente diferente. Eu já gostava de frequentar museus e teatros, porém, não fazia ideia do poder da arte de transmitir conhecimento a nós seres humanos.

Logo no início, antes da pandemia de Covid-19 suspender as aulas presenciais, a turma de 2019 foi conhecer o Teatro Municipal. O pensamento que me vinha a todo instante era: qual curso de graduação te oferece uma oficina de cultura? Nenhuma, a não ser o Pró-Saber.

Recordo que, ao entrar no teatro, me vi em um mundo lindo, diferente e maravilhoso. Pensei sobre ser merecedora de viver aquele momento, e que todos os seres humanos deveriam poder, pelo menos uma vez, estar dentro do teatro. Assim poderiam contemplar a beleza extrema e as sensações inimagináveis que essa experiência provoca.

Nesse contexto, fui educada a entender o meu lugar na sociedade, a ver que o mundo tem diversas culturas e que só, no Brasil, há uma variedade incrível de movimentos de cultura. Eu, como pertencente a esse mundo e esse povo, tenho o direito e o dever de conhecer tudo o que me cerca. O choque com a realidade veio, pois sou moradora de favela, filha de mãe empregada doméstica e pai pedreiro. Será que eu teria conhecimento de alguma cultura? Nessa mesma frase, posso responder essa questão: sim. Com o Pró-Saber, eu me reconheci muito capaz de

viver cultura e de transmitir cultura. O contexto social onde estou inserida diz muito sobre o que querem que eu seja, porém, não diz de fato quem realmente eu sou.

Cada detalhe do que foi vivido é importante e assim como em um livro, a nossa escrita do trabalho final precisa estar clara, ter coesão e sentido e ainda, de uma forma geral, transmitir a história para que todos possam encontrar um pedacinho do meu olhar, do meu falar e do meu pensar.

A comunidade do Cantagalo, onde moro, tem muitas culturas convivendo. Com todo esse aprendizado, entendi que somos capazes de fazer cultura. A partir daí, comecei a planejar atividades em que as crianças pudessem se expressar através da arte. Me permitiu frequentar os espaços culturais que nossa cidade nos oferta, quebrando assim a divisão que existia em mim entre a comunidade e a cidade. Ofereci para mim, para as minhas crianças e aos meus colegas essa minha mudança de lugar.

Em todo o processo do Pró-Saber, tivemos diversos encontros significativos e a cada leitura, escrita e pensamento feito por mim e por meus colegas, pude crescer e evoluir muito em todo meu processo como educadora e educando.

As mudanças com as crianças são cotidianas, pois, a cada aula aprendemos algo novo, nos desfazemos de pensamentos autoritários e também acrescentamos alguma novidade.

A minha maior descoberta e mudança em todo esse processo de formação foi aprender a registrar. Escrevo todos os percursos e dificuldades que encontro com minhas crianças como um diário de bordo, facilitando assim, quando preciso retornar a acontecimentos passados. Essa mudança se deu através de todo esse percurso vivido no Pró-Saber.

A profissional que sou hoje, o ser humano que sou, tende a mudar ainda mais, pois sei que através da troca com o outro, eu me acho, e essa vivência permeia todo o nosso caminho.

No próximo capítulo contarei como todo esse processo percorrido por mim se deu, não somente de uma forma física e mental propriamente dita, mas como todo esse aprendizado me fez percorrer um caminho ainda mais pessoal e intocável, caminho esse que me refez.

2 DE DENTRO PARA FORA

Nos encontros com as professoras Priscila Almeida, Claudia Sabino, Melissa Lamego, Liana Castro e Ana Paula Pedro, fui levada a fazer um resgate da minha infância e fui, então, desconstruindo cada parte de mim, aula por aula. Eu fui convidada a olhar para dentro, para as marcas que existem em mim, sejam elas boas ou ruins. Aprendi que o confronto pessoal se dá no enfrentamento de ambos os sentimentos, pois eles me constroem como pessoa e como profissional. Segundo Josso (2007, p. 414): “É por isso que todo processo de formação cruza, à sua maneira e nas palavras de seu autor, com a temática da existencialidade associada à questão subsequente da identidade (identidade para si, identidade para os outros)”.

Cada disciplina à sua maneira foi se apresentando de forma única para mim. Foi um choque de realidade perceber a real situação da educação. Entretanto, o convite para mergulhar em mim e encontrar o que já sabia, o que achava que sabia, e o que ainda seria novo, aconteceu e transbordou, não só no meu mundo público, na área da educação, mas também no meu mundo privado, entre amigos e família. Josso (2014) explica que:

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. (JOSSO, 2014, p 415).

Fui percebendo que para me deixar atravessar por esse novo mundo eu precisaria de verdade me permitir e desejar mudar, permitir que cada palavra dita por meus professores pudesse, de alguma forma, surtir efeito em mim.

Nas aulas de “Oficina de Leitura e Escrita” com a professora Liana Castro, o processo de reencontro comigo mesma foi muito interessante. Como já assinali, esse caminho foi vivenciado também nas aulas de “Prática Pedagógica”, com Priscila Almeida e Clara Araujo. Retornei a momentos únicos e significativos em minha infância: desde as brincadeiras com meus irmãos à minha professora preferida dos anos iniciais. E com todo esse processo de rememoração, pude entender as marcas que quero deixar em minhas crianças. Marcas essas que podem permear a vida toda de uma pessoa.

Tomei consciência de que sou responsável e por isso busco deixar marcas positivas nos meus educandos. Entendi que o meu papel como educadora é muito mais importante do que eu imaginava. Eu precisei vivenciar toda a metodologia do Pró-Saber para poder compreender melhor isto.

Cada mergulho que precisei dar dentro de mim me refez, renovou e me recriou. Quando mergulhei nas memórias da minha infância, pude então entrar em contato com tudo o que me permeia a ser quem sou hoje, trazendo como base minha família, amigos... gostos preferidos, desgostos, desejos, faltas, medos, anseios, traumas, saudades e dores.

O processo não foi fácil, pois se desconstruir para se reconstruir dói na alma. Porém, em cada pedaço arrancado da dor nascia no lugar uma flor e, aos poucos, fui florescendo e aprendendo com os espinhos até me tornar a flor que sou hoje. O renascimento desta flor, para se perpetuar, deve ser cuidado adubado, podado para que continue vivo. Fico sempre pensativa quando relato sobre esses resgates, pois me remete logo à minha prática em relação às minhas crianças.

Cada criança traz consigo sua bagagem, seus laços familiares, costumes, crenças e culturas. E essa junção compõe cada ser humano e o todo. Por exemplo, na turma que eu leciono, composta por 22 crianças presentes, encontro 22 seres humanos diariamente, que merecem ter todos os seus direitos respeitados, merecem ser ouvidos e precisam do outro para se desenvolver ainda mais e conviver entre si e com todos.

Foi a partir deste mergulho em mim, que fui entendendo esse processo, pois relembrei e reencontrei os professores da minha infância e percebi as marcas positivas e negativas que em mim residem. Marcas do silêncio, da falta de escuta, marcas da inexistência. Com isso, passei a olhar minhas crianças com olhar diferenciado de quem realmente deseja ver e escutar o outro. Foi necessário aprender a me olhar e me escutar, e aceitar todos os monstros e flores que me formam. Aceitar a minha humanidade.

O título deste segundo capítulo, "De dentro pra fora", nasceu a partir da tomada de consciência do que vivi e até onde eu cheguei. Esse encontro com o meu passado me fez querer fazer um presente diferente, estando presente e isso me fez virar do avesso: me faz querer fazer tudo de novo e de novo até dar certo.

Nesse contexto, quero frisar as aulas de “Prática Pedagógica I”, com a professora Cláudia Sabino, onde fui aprendendo também a ver o tipo de professor que eu estava sendo e qual professor eu queria me tornar.

Quando entendi que cada um exercia a sua autoridade - família, educador e educando - pude me surpreender e desfazer diversas opiniões que eu tinha. Quando olhava para a criança, já conseguia perceber que ali existia um ser humano. Mas eu nunca tinha parado para pensar no seu contexto familiar. As crianças existiam para dentro do muro da escola. A família não era considerada parte do processo educacional. Para mim, não era considerada como de minha responsabilidade. Com as aulas da Claudia Sabino, compreendi que eu não era responsável apenas pela criança e sim também por sua família.

Reflico até hoje como é difícil encarar a realidade de cada um de minhas crianças com diferentes tipos de família e com culturas distintas. Eu refleti que é meu dever educar e trazer a família para perto da escola. Aprendi que educar vai muito além de minha prática e por isso preciso ter um olhar sensível e de empatia com os outros. Não é fácil se colocar no lugar do outro, mas hoje acredito que é indispensável.

Essa questão de olhar a família, respeitando-a em suas individualidades foi uma grande conquista para mim. Percebi que ambos, educadores e responsáveis caminham juntos. A escola precisa do educador que precisa da família e que por fim precisa da criança. É uma relação sem uma ordem a seguir. Acredito que minha função como educadora é também saber quem são essas pessoas e o que elas dizem para mim em palavras, silêncios e ações. De fato eu entendi que eu não conheço a criança, sem antes saber pontos básicos de sua existência.

A Concepção Democrática muda você como um todo: muda o seu olhar para si, muda o seu olhar para o outro, aquele outro que precisa tanto de você e aquele outro que você tanto precisa. É uma via de mão dupla, onde a construção se dá de ambos os lados. Entendo então, quando Josso (2014) fala:

Se abordamos a vida das pessoas na globalidade de sua história, as variações dos registros nos quais elas se exprimem, e as múltiplas facetas que elas evocam de seu percurso, é realmente difícil não tomar consciência das sinergias positivas ou negativas entre as dimensões psicológicas, sociológicas, antropológicas, sociohistóricas, espirituais, por exemplo, que intervêm na expressão evolutiva da existencialidade e, assim, da identidade. (JOSSO, 2014, p. 416).

Passei a refletir sobre meus atos e a olhar também as pessoas com mais amor, afeto, carinho e respeito. Aprendi a estudar, pensar e refletir. Aprendi a olhar o mundo também de forma grata. A mudança se tornou tão visível, que não conseguia guardar para mim o que eu pensava e refletia. A ansiedade de expressar o que eu sentia tornou-se escrita e com isso virou palavra dita. Parei de me silenciar e passei a levar todo aprendizado para o onde trabalho. Dessa forma, comecei a reconhecer as pequenas e enormes mudanças na minha prática, na prática dos meus colegas e conseqüentemente transformações nas crianças.

Logo compreendi que o meu nome era ouro, que eu tinha sido desejada e que as pessoas precisavam conhecer quem eu sou. Eu nunca havia dado tanta importância assim para essa questão do meu nome, algo que também tive que desconstruir para reconstruir. Além do meu nome ser ouro, a minha fala também se tornou preciosa. Isso não foi mágica: se tornou preciosa a cada momento que fui chamada a falar e consegui enfrentar o medo que me prendia no meu silêncio. Esse processo de me reconectar comigo mesma foi o resultado de tanto mergulho, tanto encontro.

O Pró-Saber também despertou em mim o desejo por falar, por questionar e então através da fala me faço presente. Fala essa que como diz Madalena "é o meu ouro". Quando fiz essa reflexão sobre mim e sobre o que eu desejava oferecer a todos, pensei logo que eu não poderia escrever qualquer coisa em minha monografia. A minha história e a trajetória no Pró-Saber têm sido lindas, jamais preencheria minha escrita monográfica com palavras ocas para simplesmente ocupar espaço. Não desejo fazer uma escrita vazia. Meu desejo é preencher o papel com o que me tornei.

Eu preciso sentir, preciso ver, preciso realmente escrever de forma que essa escrita alcance a beleza que é vivenciar uma transformação de dentro para fora, que foi realizada desde o processo de lembrar a minha infância até o meu momento de me tornar professora, e vai muito além, pois consigo a cada dia repensar e avaliar minha prática. É um processo contínuo.

Hoje em dia, não consigo mais fazer um planejamento que não seja pensado exclusivamente para as crianças, e também já não vejo problema em desfazer tudo aquilo que pensei, ao perceber e avaliar que essas mesmas crianças estão me propondo um caminho novo a seguir. Democracia, essa que também aprendi do

Pró-Saber, é um exemplo claro que trago comigo, traduz a maneira como pude modificar minha rotina de forma a não ser rotineira, para alcançar as singularidades de cada criança, de forma a respeitá-las como seres humanos que são, pertencentes a esse mundo.

Não somente no espaço do Pró-Saber, como também em minha vida pessoal e também profissional, sou autora de minha própria história e devo vivê-la de forma a não me omitir, a não se envergonhar. Se por alguns momentos tive medo, receberei esse sentimento de forma a saber lidar com ele, pois é no enfrentamento de nós conosco mesmos que conseguimos nos encontrar. E o objetivo é esse, sempre prosseguir e nunca recuar.

Ao longo dos três anos do curso do Pró-Saber não somos convocados apenas a educar nosso olhar e a nossa fala. Somos convocados também a educar o nosso corpo, a parar quando necessário, a nos ouvir, quando não estamos bem a entender quando nosso corpo quer nos dizer algo e também a respeitar esse corpo.

Dessa forma também aprendemos a respeitar o corpo do outro, e de nossas crianças principalmente. Na disciplina de “Desenvolvimento lógico- afetivo- social da criança”, com a professora Ana Paula Pedro, fui percebendo como as crianças agem e o que seus corpos dizem sobre elas, e então entendi que o corpo fala, que o corpo comunica. Nesse momento me remeti à minha creche e passei então a perceber as crianças em sala de aula. O que a criança mais agitada está querendo me dizer, e o que a criança mais quieta também está querendo me dizer?

Eu desconstruí o meu olhar e consegui torná-lo mais apurado. Com isso, fui percebendo muitas coisas que antes eram imperceptíveis para mim: como por exemplo, que a criança nem sempre chora quando acontece algo de ruim com ela ou nem sempre demonstra, quando está muito feliz. Muitas vezes é necessário parar para olhar o corpo dessa criança e o que ela está demonstrando através de gestos.

Nessa junção da escuta e do olhar apurado, podemos demonstrar às crianças sobre o limite, sobre o respeito com o outro e também sobre as diferenças. Cada uma no seu ritmo. A professora Ana introduziu o “Toque Patoque”, uma ciranda com música, onde todos, sem exceção, deveriam aguardar e esperar o ritmo do outro para que esse momento e movimento desse certo. A vida também é assim, nem sempre o ritmo do outro é o meu ritmo, porém eu devo aprender com o outro e também respeitá-lo.

Com o mergulho em mim, nasci de dentro pra fora. Nesse momento, pude reconhecer o meu lugar no mundo, qual posição eu ocupava e qual seria minha função.

2.1 Aulas remotas

Com a chegada da epidemia do Coronavírus (COVID-19), o mundo parou. E também o Pró-Saber, com uma pausa repentina, logo no início do nosso segundo período. A notícia da interrupção veio no dia 12 de março de 2020. O vírus invisível estava à caminho. Não sabíamos ainda da sua força e logo fomos invadidos pelas notícias diárias aterrorizantes.

Nós tivemos que nos cuidar, nos proteger e o lockdown nos obrigou a ficar em casa. Ficamos 10 dias sem saber o que fazer em relação ao curso e também em relação às nossas próprias vidas. O que poderíamos esperar? O medo de repente tomou conta, será que teríamos a chance de terminar o curso e receber nosso diploma, como nos proteger e proteger nossos familiares dessa pandemia, e ainda como blindar nossa mente?

Eu vi então meu sonho indo embora aos poucos. Porém, logo recebemos a notícia de que teríamos aula pelo *WhatsApp*. Notícia essa que para mim foi como um escape. Apesar de estar mentalmente confusa, nós necessitamos de algo para buscar; a falta nos move, e, parar de uma vez com toda nossa rotina e afazeres parecia algo necessário a uma humanidade que vive 24 horas por dia apenas correndo em uma rotina rotineira. Mas a que custo?

De verdade, eu não tinha ideia de como isso daria certo ou faria sentido, porém, o desejo de buscar mais, de me relacionar mais, me fez estar presente. E, aos poucos, os grupos foram sendo criados e vimos essas aulas se tornando reais,

No celular surgiram 11 grupos, cada um de uma disciplina. Lembro-me até hoje de quando os professores começaram a pedir nossas fotos, como tarefa de presença em aula, e ao ver cada colega meu, vivo e com saúde, me enchi mais uma vez de gratidão. Não teve como conter as emoções e lágrimas, que estavam guardadas por conta do medo e da frustração. Nós, como um amontoado de gente que pouco se conhecia, tínhamos vivido poucas coisas juntos, mas eu tinha certeza que nos tornamos o grupo mais forte já visto no Pró-Saber.

Aos poucos, fomos mandando fotos, enviando áudios e assim podendo sentir o outro, mesmo que através da tela. Podíamos escutar a voz, ver a imagem de todos e compartilhar pensamentos e trocas. Todos os professores do Pró-Saber se apresentavam com o conceito de nos fazer presente a cada aula e assim nos convocar e convidar para esse encontro, mesmo que de forma virtual. O convite a nos tornarmos um grupo, mesmo nesse contexto diferenciado, se mostrou firme.

O grupo foi se constituindo, mas, no entanto, perdemos muitos assuntos importantes em relação ao que poderia acontecer ao nosso grupo de forma presencial. Perdemos principalmente o calor humano e o ato de sentir o outro.

Eu fico me perguntando se teríamos seguido caminhos diferentes, caso tivéssemos tido aula presencial durante 3 anos. Será que todos estariam presentes até agora? Pois, mesmo no primeiro período, algumas pessoas que se tornaram significativas para nós desistiram. O grupo que antes era um se tornou então diferente.. Todas as configurações desse grupo, que antes era um amontoado, foi se tornando real a cada aula, a cada encontro e a cada troca. Fui me construindo através do outro, me vi nesse outro e assim pude me formar a pessoa que está em constante processo de transformação.

Foi tudo muito diferente de tudo que já havia vivido. As aulas pelo *WhatsApp* continham tantas mensagens chegando ao mesmo tempo, que demorou um pouco até que eu me adaptasse. Era tudo muito rápido, mas os professores estavam lutando, tentando fazer dar certo e nos transmitiam, através das telas, uma calma que me atravessava a cada encontro. Na verdade, essa pandemia foi um golpe para todos e a adaptação de usar os meios tecnológicos veio em comum também para todos os envolvidos.

Foi difícil, mas não impossível, em 2012, quando eu já estava adaptada ao “zap”, a equipe do Pró-Saber mudou a plataforma de ensino e passamos a ter aula pelo *Google Meet*. Não cabia mais apenas enviar mensagens, precisávamos nos ver. A presença mesmo através das telas foi tornando-se presente. Fazia falta, não bastava apenas áudios e fotos. Isso até funcionou como medida imediata, de urgência. Mas todos nós sabemos que a metodologia do Pró-Saber vai muito além e sempre está se desafiando.

Como estar presente e se fazer presente através das telas? Essa foi a dúvida que percorreu a todos, e também o fato de que nós, professores de educação

infantil, teríamos que dar aulas remotas também. Tive que me reinventar para também propor às minhas crianças vídeos que correspondem às suas expectativas. Lembro-me de uma aula em que Cláudia Sabino nos lembrou que o meu contato não seria diretamente com a criança. Quem faria essa ponte seria a família e eu teria que pensar nesse contexto a cada aula remota apresentada.

Costumo dizer que o novo veio sem pedir licença, e nós professores de educação infantil sentimos o impacto. Mas afinal, existe aula remota para crianças tão pequenas?

Essa foi umas das questões levantadas por vários profissionais da educação onde todos de uma forma geral se sentiram perdidos e tiveram que se reinventar. Nas no Pró-Saber, a câmera precisava ficar ligada para transmitir essa presença real de todos, mas a Internet por muitas vezes não colaborou conosco. Muitos de nós não conseguia ligar a câmera e até ficava ruim de ver os amigos. Minha casa, que é tão pequena, recebeu a todos, de forma prazerosa. Com isso, fomos nos adaptando e não reclamo, pois, graças à tecnologia, conseguimos vivenciar todos esses momentos de troca e aprendizado.

A instituição invadiu nossas casas, assim como nós professores invadimos a casa de nossas crianças. Realidades distintas e famílias completamente diferentes, objetivos centrados na mesma concepção em que a educação não pode morrer, não pode parar.

Eu, como professora, precisei “dar nó em pingo d’água”, pois dar aula remota a tantos pequenos tornou-se um desafio. Como aluna também precisei me renovar e adaptar. Foram dias de lutas e também glórias, porém dias de aprendizado, troca e dias de conforto. Através das aulas, senti esperança de que as coisas não tinham acabado, o mundo estava passando por um momento difícil, mas havia esperança de dias melhores e foi por isso que nunca desisti. Nós da turma de 2019 vivenciamos um momento único e diferenciado nesses 3 anos. Nos tornamos fortes, resistentes, capazes de treinar nossa mente a buscar coisas boas em nosso subconsciente, mesmo em meio ao caos.

O verbo esperar se fez mais uma vez presente.

Esse momento de aprendizado se traduz no poema de Madalena Freire (2008):

O recado é: leveza!
Nada de agressão ao próprio ritmo e limite!

Simplicidade na
essência, sem pesos.
Nada vai acabar
Tudo continua, sempre.
Concentração. Foco. Determinação.
Devagar, no próprio ritmo,
mas mantendo a constância
sem desfocar,
sem desconcentrar e tudo na leveza. (FREIRE, 2008, p. 30).

Esse trecho me remete a tudo o que vivemos nessa época pandêmica, pois foi com essa leveza que eu consegui prosseguir, com esse foco que me mantive firme e foi sem dúvidas um processo devagar, em meu próprio ritmo.

2.2 Volta ao presenciais

Em 2022, após tantas aulas remotas, nós, felizmente, voltamos às aulas presenciais, momento único, aguardado por todos. Neste momento, me peguei pensando: "Qual o verdadeiro papel do educador em tempos de aulas remotas?"

Lembrei-me do texto: "Quando educamos?", de Madalena Freire em que ela diz: "O ato de educar é contínuo, permanentemente, porque quem educa é a pessoa na sua totalidade, com suas incoerências e limites em todos os momentos". (FREIRE, 2008, p. 143).

Então, me vi completa novamente ao perceber que como educadora educo simplesmente pelo fato de ser eu mesma a cada momento. O ato de educar envolve o exemplo como base, a visão de quem está se colocando no lugar de educando e, acima de tudo, na troca existente entre ambos e que se dá nesse processo.

No próximo capítulo, destaco outro conteúdo que muito me marcou e provocou mudanças na minha prática: o brincar.

3 É BRINCANDO QUE SE APRENDE

“O brincar relaciona-se ainda com a aprendizagem. Brincar é aprender; Na brincadeira, reside a base daquilo que, mais tarde, permitirá à criança aprendizagens mais elaboradas”. (VYGOTSKY, 2008, p.176)

Neste processo que fui percorrendo, fui então treinando meu olhar, meu falar, meu observar e meu caminhar. Sempre escutei que o brincar é a fase mais importante que uma criança pode chegar a vivenciar, independente de contexto e realidade vivida. O brincar é inexistente na realidade que nós seres humanos adultos criamos quando duvidamos se o brincar existe ou não, se é apropriado ou não.

As crianças simplesmente brincam, se entregam, se doam, entram em um mundo imaginável e aconchegante, seguro, onde nós adultos não conseguimos chegar de forma fácil e precisamos estar de fato com o olhar sensível e bem atento para perceber como se dá esse processo.

Quando iniciei a disciplina “O brincar e sua importância na Educação Infantil”, em 2019, com a professora Cristina Porto, pude então ampliar os horizontes. O brincar então foi se tornando para mim como educadora algo muito importante, pois todas as brincadeiras, sem exceção, dirigidas ou não, transcendem aprendizados sem fim, adquiridos por cada criança. Me lembro de um texto que diz:

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair. (MELO E VALLE, 2005, p. 45).

Parei para observar e então percebi que a criança, quando brinca, “imita” o que vê em suas realidades de vidas, como as pessoas das famílias ou até as relações que encontra no local que mora. A brincadeira do faz de conta então faz de todos os momentos, um brincar para as crianças.

Fui percebendo também que tudo e qualquer coisa pode virar um brinquedo, além de perceber ainda que qualquer lugar que seja torna-se propício para o brincar. Fiquei encantada a cada observação. As crianças têm uma pureza gigantesca e conseguem fugir do mundo real, criando mundos brincantes de acordo com suas fases infantis, assim como frisa Oliveira (1995): “O comportamento de crianças

pequenas é fortemente determinado pelas características das situações concretas em que se encontram”. (OLIVEIRA, 2001).

Sendo assim, no espaço do Pró-Saber, vivemos todo o percurso do curso com a prática e teoria caminhando lado a lado, pois a cada aula que vivenciei e consegui vivenciar também cada contexto na prática em sala de aula.

Vi então as crianças da creche onde trabalho percorrendo por cada caminho do brincar e então me permitir também fazer parte desse contexto. Em uma brincadeira de faz de conta, eu pude imaginar também dragões e princesas, nas brincadeiras condizentes com a realidade, pude também me ver a cada brincadeira. Esse momento do brincar é tão encantado que, ao oferecermos para as crianças caixas de papelão, as vemos criando carros, piscinas e até camas. Fico feliz em poder ter esse olhar diferenciado que aprendi no meu percurso, olhar esse que deseja realmente ver.

No texto “Narrativas do olhar”, Gabriela Romeu, uma pesquisadora das diversas infâncias, relata que: "Olhar, assim como escutar e dialogar, sempre foram um exercício. Com as crianças, não funcionam roteiros pré-definidos. É preciso entrar no território da infância em estado de alerta. E também em estado de entrega: disponível ao encontro, num delicado e às vezes frágil jogo de diálogo”. (ROMEU, 2015, p. 43).

Entendo, portanto, que não podemos apenas definir o que as crianças devem ou não fazer. Isso não funciona. A atividade proposta pelo educador pode até ser significativa e proporcionar um aprendizado significativo, mas não se pode, no contexto com educação infantil, ter uma rotina rotineira, que não busque devolver às crianças suas capacidades específicas ou ter um planejamento que não possa ser modificado. Pois, quando se trata de crianças, todo esse contexto muda a toda hora. Fui entendendo que se o meu olhar não estiver voltado para o que as crianças desejam, o planejamento pode ser em vão. Não é apenas o desejo que move a criança como pessoa ao dar um retorno à atividade, e sim partir da observação do que as crianças estão falando, o que elas buscam e o que elas estão demonstrando que precisam para planejar. Esse diálogo entre educador e educando é que torna esse ensino democrático.

Mas como adentrar essa infância tão significativa e real para as crianças? É uma pergunta que me faço, pois brincar é coisa séria.

Gabriela Romeu (2015, p. 44) ainda diz que "para nos aproximarmos desse universo, é preciso "os olhos, a boca, os ouvidos, e vá lá, braços e pés. É fundamental estar de corpo inteiro, mas a alma é verdade no encontro com as crianças".

Quando o assunto é ver o outro ser humano de corpo e alma, fica ainda mais difícil atingir isso. Além de querer, ver eu preciso ainda me permitir sentir, sentir o outro, ter empatia por esse outro, me colocar no lugar do outro. E com as crianças não é diferente, preciso respeitá-las como pequenos seres humanos em formação.

Não posso, de nenhuma forma, me oferecer nessa troca no brincar como metade; não posso deixar o corpo lá presente na brincadeira e a mente voltada para outra coisa. Ambos, corpo e mente, precisam estar no mesmo espaço presente. Ao me entregar de corpo e alma presente para esse momento do brincar com criança, consigo me fazer pertencente. A brincadeira, então, muda de verdade, não é apenas um "passatempo", mas um brincar verdadeiro, com objetivo, ao ser alcançado pelo educador. Se no brincar elas tentam transmitir algo, eu preciso estar atenta a cada informação, preciso estar presente ali no momento do brincar de forma verdadeira.

Antes, a brincadeira era vista, por mim, como algo para "passar o tempo". Quando não havia uma atividade proposta pelas educadoras, logo se colocava as crianças para brincar. Entendo, porém, desde que entrei no mundo da educação infantil, que a brincadeira é algo sério. E essa afirmação ficou ainda mais forte quando comecei a estudar no Pró-Saber.

Por isso, o brincar é algo que deve ser feito pensado, planejado. Fui aprendendo também nas aulas que até o ambiente para esse momento deve ser convidativo e não deve ser um espaço desinteressante. O professor precisa saber de fato o que deseja alcançar e observar com sua atividade do brincar e é daí que entra o planejamento.

Quando se faz uma brincadeira com foco, o professor consegue de verdade saber o que está buscando. Por isso, concordo que "as formas de mediação da professora são decisivas para garantir que as crianças realmente brincam na escola, interajam com seus colegas, imaginem, criem regras, utilizem brinquedos diferentes de formas diferentes, em ambiente que estimulem a imaginação". A cada aula, eu fui criando em mim expectativas gigantes e fui deixando de ver o brincar apenas

como atividade e passei a ver como um momento de trocas e crescimento para cada criança.

Percebi que o espaço para que a criança brinque deve ser organizado e oferecer também diversas opções para esse mesmo momento. A criança se convence através do olhar e precisa se sentir acolhida, segura e assim poderá viver esses momentos.

Nesse contexto, cabe falar um pouco sobre a rotina também, pois, quando a criança brinca, desenvolve aspectos motores e cognitivos, ou seja, enquanto brinca ela se desenvolve. Penso que eu, como professora, devo estar atenta para que o convite ao brincar desperte sempre algo novo.

Quando se foca em rotina também pode-se incluir o planejamento, pois a avaliação vem da pergunta: Quanto tempo a brincadeira deve durar?

Partindo desse princípio, consigo questionar ainda sobre quem são minhas crianças, em quais realidades estão inseridas, qual a faixa etária delas, entre outras questões a serem também inseridas nesse contexto do brincar.

Porém, para questionar o que quero hoje no ato do presente, eu preciso também resgatar em mim assuntos relacionados ao brincar, pois já sei que ambos me complementam, passado e presente.

Lembro-me de minha infância e de todas as brincadeiras que brinquei com eles e com minhas amigas. Nessa época eu tinha 12 anos mais ou menos e não se falava ainda no brincar como ato pedagógico. Brinquei de brincadeiras de rua como, pique alto, pique pega, esconde esconde, passa o anel, pique parede, casinha de boneca entre outros. Em épocas diferentes, essas brincadeiras nos fazem sentir felizes e seguros. Nos dias de hoje, em 2022, as brincadeiras mudaram bastante, mas nós educadores precisamos estar atentos para toda a mudança que nos rodeia, e precisamos também não esquecer de brincar, mas fazer junção com as brincadeiras que ficaram passadas e também introduzir outras novas.

O educador também precisa entender que existem diferentes tipos de infâncias e isso varia de acordo com os anos, os dias e a tecnologia. Nos dias de hoje, a tecnologia pode alcançar desde as crianças menores, como os bebês e não devemos fugir disso, mas devemos buscar meios para que o brincar seja introduzido mesmo em tempos tecnológicos.

Um fato a ser constatado sobre essa era tecnológica decorre das aulas remotas que também tive que apresentar às crianças da creche durante a pandemia. Os vídeos precisavam alcançar a educação infantil e não podiam ser longos. Eu não tinha muito recurso visual, então filmar as brincadeiras e brincar foi algo que fiz. Nesse sentido, o brincar não deixou de acontecer, mas se deu de forma diferenciada, através do uso da tecnologia.

Por isso, concluo que o brincar nunca deve deixar de existir, mesmo que em tempos difíceis, mesmo que exista também a falta de tempo e mesmo que os tempos até mudem.

O brincar deve se fazer presente, pois as crianças precisam se desenvolver de forma tranquila, feliz e educativa, e, nós, educadores, desconhecemos outros métodos mais eficazes que não seja através do lúdico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar à conclusão desse curso, preciso reconhecer que dei o melhor de mim. Ao olhar meus amigos de turma, eu posso finalmente enxergar que também deixei muito de mim em cada um deles. Espero, acima de tudo, ser motivo de orgulho, inspiração e dedicação. Todo o esforço que fiz não deve ser algo esquecido, nem guardado em uma caixa para não ser lembrado. Como diz o poema "Guardar", de Antonio Cícero (1996):

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
 No cofre não se guarda coisa alguma.
 Em cofre perde-se a coisa à vista.
 Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.
 Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, Isto é, estar por ela ou ser por ela.
 Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro
 Do que um pássaro sem vôos.
 Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
 Por isso se declara e declama um poema:
 Para guardá-lo:
 Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
 Guarde o que quer que guarda um poema:
 Por isso o lance do poema:
 Por guardar-se o que se quer guardar (CÍCERO, 1996, p. 2).

Precisa ser algo que eu possa visualizar todos os dias na minha vida profissional e também pessoal. A monografia me ajuda a continuar exercendo um olhar cuidadoso, em relação a minha prática e a tudo que me impulsiona.

A partir desta história que percorri no Pró-Saber, pretendo ainda alcançar novos ares, me permitir ver o outro sempre, não estacionar no tempo, continuar seguindo na busca pelo conhecimento e também pela educação, desejando que as crianças possam encontrar sempre educadores preparados e capazes de buscar o melhor para oferecer a cada uma delas, visando sempre objetivos reais e maiores.

Pretendo também continuar sonhando e buscando o melhor para mim, pois de tudo que tenho não posso perder a sabedoria que carrego comigo, que é algo pertencente a mim. Minha maior força, meu escudo estão na minha história.

Quando o leitor tiver contato com minha monografia, desejo que possa restaurar em si a sua força própria, a força do outro e que, de nenhuma forma, desista da humanidade. Que possa resgatar o cuidado com outro de forma a ultrapassar barreiras e que deseje sempre buscar mais. Desejo ainda que mantenha

o foco, que teça objetivos, que não desista de sonhar jamais, pois com leitura e uma metodologia que fundamente uma relação democrática, eu pude realizar sonhos que antes eram considerados um tanto quanto impossíveis.

Sempre penso que na vida temos 2 escolhas: sonhar e realizar. Eu escolho, a cada dia, se desisto de me levantar da cama para buscar o que desejo, ou não. Só eu posso tomar essa decisão por mim.

Faça sempre a escolha que mostre caminhos a serem percorridos, caminhos que não pareçam tão fáceis, caminhos que te guiem e levem a algum lugar, que te levem ao seu lugar.

Pois, do desejo que é movido pela falta, eu busco algo novo sempre, e ao conquistar objetivos, logo traço outro e continuo nessa constante e incessante busca por sonhos que me saciam, mesmo que por períodos de tempo determinados.

Hoje, me vejo uma profissional totalmente diferente de quando iniciei no Pró-Saber. Não posso, de nenhuma forma, agir como antes ou, simplesmente, ignorar muitos pensamentos e atitudes que me cercam.

Escrever sobre minha trajetória foi fazer um registro de grande importância, pois este se tornou uma base para que outros leitores e professores, que pretendem compreender como se dá a transformação proporcionada por essa instituição na vida de seus educandos, possam compreender. Cada momento de aprendizado, da dor do aprendizado e ainda da alegria da descoberta, deve ser escrito para ser lido por muitos outros, para que possam tomar conhecimento de grandes feitos e possam acreditar na possibilidade de que a mudança exista.

Ao ler a minha história, os leitores poderão refletir sobre seus atos e sua própria trajetória e, principalmente, se permitir ler e conhecer cada fase que passei e poderão se ver atravessados por esses caminhos.

É impossível vivenciar o Pró-Saber e ainda continuar o mesmo. Muita coisa mudou em minha prática, em meu olhar e em minha vida, ou seja, em todas as áreas houve transformações.

As minhas crianças de hoje são a prova viva de que todo o aprendizado por mim desenvolvido trouxe muitos benefícios para cada uma delas. Todos os profissionais da instituição onde trabalho são testemunhas de toda essa mudança.

O segredo é seguir sempre, com leveza, força e persistência. Não desista nunca!

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:2011** – Informação e documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.
- BARROS, Manoel de. **O apanhador de desperdícios**. Memórias inventadas (brincadeira como encontro de todas as artes). São Paulo: Planeta, 2003.
- CÍCERO, Antônio. **Guardar - Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.
- FREIRE, Madalena. **Educador educa a dor**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- FREIRE, Madalena. **Sobre os instrumentos metodológicos na concepção democrática de educação**. Rio de Janeiro: Comunidade Pró-Saber, 2014.
- GENESCA, Ana. **A nutrição estética**. In: GENESCA, Ana; CID, Lucia (org.). **Pró-Saber: imaginação e conhecimento**. Rio de Janeiro: Edições Pró-Saber, 2013.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Arqueologia de si e delicadeza: a fotografia e o outro como caminhos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; CUNHA, Jorge Luiz da; FURLANETTO, Ecleide Cunico; BIASOLI, Karina Alves (org.) **Anais... VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. Digital**. São Paulo: BIOgraph, 2018. Disponível em: http://viiiicipa.biograph.org.br/wp-content/uploads/2019/02/29E1COM_COMP_Cristina-Laclette-Porto.pdf. Acesso em: 12 set. 2020.
- GUSMÃO, Denise Sampaio; PORTO, Cristina Laclette. Cartas de Paulo Freire a uma criança: entre guardar e publicar. In: **Anais do I Congresso de Estudos da Infância - Diálogos Contemporâneos**. DEDI/EDU/UERJ. Rio de Janeiro, 2017, p. 387-395. Disponível em: <https://goo.gl/AFFmAZ>. Acesso em 4 mar. 2021.
- INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER. **Projeto Político Pedagógico**: Curso Normal Superior. Rio de Janeiro: Pró-Saber, 2008.
- JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- NAVARRO, Mariana Stoeterau. O brincar e o aprender na educação infantil. **IX Congresso Nacional de Educação**, Outubro de 2009.
- MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil**. Psicologia Argumento, Curitiba, 2005.
- ROMEU, Gabriela. Narrativas do Olhar, p. 42-49. In: **Quem está na escuta?** Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças. São Paulo: Blucher, 2018. Disponível em: DOI 10.5151/9788580393514-06. Acesso em 13 jun. 2022.
- VYGOTSKY, Lev Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. Fortaleza: Humanidades, 2008.
- OLIVEIRA, Vera Barros. **O brincar na educação infantil**. São Paulo: Editora Vozes 2001.